



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Letras - IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL

Monografia em Literatura

**LEONARDO DANTAS MILHOMEM**

**UMA REAÇÃO AO COSMOPOLITISMO: LIMA BARRETO NA CENA LITERÁRIA  
DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Brasília

2018

**LEONARDO DANTAS MILHOMEM**

**UMA REAÇÃO AO COSMOPOLITISMO: LIMA BARRETO NA CENA LITERÁRIA  
DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras  
Português e respectivas Literaturas, da  
Universidade Brasília, como requisito para  
obtenção do título de licenciatura em  
Português.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cíntia Carla Moreira  
Schwantes.

Brasília

2018

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente a Deus pelo dom da vida e pela dádiva de estudar.

Também agradeço aos meus pais, Gildenora e Raimundo, que nunca mediram esforços para me oferecer oportunidades. Agradeço à minha irmã, Juliana, e à minha namorada, Ingra, que me deram apoio para suportar a caminhada acadêmica.

À professora Cíntia Schwantes, agradeço por ter aceitado me orientar nesta empreitada e por ter sido sempre solícita ao me atender com valiosos conselhos.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos os demais familiares, amigos próximos e colegas, que conheci durante o curso e que me deram forças nessa jornada.

## RESUMO

Este trabalho se destina ao estudo de aspectos referentes à vida e à obra de Lima Barreto. A análise conta com pesquisa biográfica e bibliográfica em conjunto com um resgate histórico da cena literária na qual se insere o autor. São retratados fatos importantes da sua vida seguidos da investigação de como ecoaram por toda a sua obra e exerceram um nítido impacto na formação de Lima Barreto enquanto homem e literato. Embora tenha vivido em um período histórico marcado pelo nacionalismo ufanista, o escritor destoa dos seus contemporâneos ao mesclar sua experiência de vida com uma afiada crítica social na construção dos seus textos.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. História. Cena literária. Biografia. Nacionalismo. Crítica social.

## **ABSTRACT**

This essay is destined to the study of the aspects on the life and work of Lima Barreto. The analysis counts on biographic and bibliographic research with a historical account of the literary scene in which the author is located. Important facts of his life are portrayed and followed by the investigation on how they echoed through his entire work and made a clear impact on Lima Barreto's formation as a man and as an intellectual. Even though he lived in a historical moment marked by an overoptimistic nationalism, the writer distinguishes himself from his contemporaries by mixing his life experience with a sharp social criticism in the construction of his texts.

**Keywords:** Lima Barreto. History. Literary scene. Biography. Nacionalism. Social criticism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 O NACIONALISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA .....</b>	<b>8</b>
1.1 Nação .....	8
1.2 Literatura nacional ou propagandista? .....	10
<b>2 UM ESCRITOR DESTOANTE.....</b>	<b>15</b>
2.1 A cena literária.....	15
2.2 A literatura distinta de Lima Barreto .....	18
<b>3 LIMA BARRETO .....</b>	<b>27</b>
3.1 Breve biografia .....	27
3.2 Panorama do projeto literário do autor em obras selecionadas.....	31
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Uma obra influenciada por traços autobiográficos pode ser algo tido como essencialmente particular a um autor ou a um momento histórico e, portanto, incorre no risco de ser esquecida. Todavia, esse não é o caso de Lima Barreto, cuja herança literária permanece importante e atual.

O autor escolhido para este trabalho monográfico marcou época justamente porque soube trabalhar as suas experiências de vida na forma de literatura. Barreto ecoa por toda a história brasileira ao retratar temas que não só moldaram, mas ainda estão presentes na sociedade atual. Em inúmeros textos do literato, há relatos de um Brasil que deixa de ser escravocrata, mas que persiste em segregar negros, indígenas e mulatos.

Nesse sentido, a importância sociocultural de todo o trabalho de Lima Barreto é um dos motivos que justificam este trabalho. Também, menciono que o autor despertou o meu interesse por ser corajoso e levantar a sua voz, em tom de sátira, contra toda a estratificação social de um período onde a preocupação maior dos escritores era a de legitimar a onda nacionalista “civilizatória”.

Nesse raciocínio, esta monografia tem por objetivo apresentar breves noções da ideia de nacionalismo e o debate acerca de quando se tem uma literatura verdadeiramente brasileira. Ainda, buscou-se retratar o momento histórico de transição do Império para a República e seus impactos e desdobramentos na ordem social e na literatura. Também houve a diferenciação de Lima Barreto frente aos seus contemporâneos.

Por fim, o trabalho foi direcionado a versar sobre um panorama do escopo literário de Lima Barreto, o qual se inicia com o resgate das vivências do autor, de tal forma que o peso desses elementos biográficos para a sua escrita é ressaltado e analisado dentro de algumas obras selecionadas.

Então, para os objetivos narrados, a metodologia consistiu em uma pesquisa bibliográfica de obras de Lima Barreto, que foram cotejadas com a sua biografia. Também serviram de arcabouço as obras de críticos literários como Alfredo Bosi e Antônio Cândido, além de demais livros e artigos pertinentes ao tema tratado.

# 1 O NACIONALISMO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

## 1.1 Nação

Uma identidade nacional é forjada a partir de uma ficção que une as pessoas de uma coletividade, através de símbolos comuns a essa comunidade imaginada. A literatura também é responsável por dar contornos à ficção criada, a fim de que os indivíduos se reconheçam em um conjunto de “narrativas sociais e literárias que fornecem imagens, cenários, símbolos e histórias que representam o sentimento imaginário de uma realidade compartilhada e coexistente, que configura o alicerce da ideia de nação.”<sup>1</sup>

A questão nacional estuda o que leva um conjunto de indivíduos a se tornarem um povo. Há aqueles que entendem ser um produto da construção de soberania, enquanto outros acreditam que seja algo ligado a costumes e tradições humanas.<sup>2</sup>

As doutrinas sobre a constituição da nação podem ser agrupadas em torno de dois enfoques principais: de um lado, estão aquelas que privilegiam a cultura como fator primordial na construção da nação e, de outro, aquelas que priorizam o elemento político.<sup>3</sup>

As teorias sobre formação de uma nação que se baseiam no fundamento cultural costumam se contrapor às correntes que entendem o progresso como uma derivação natural da vida em sociedade. Assim, o nacionalismo cultural se trata de um movimento ideológico que tem como finalidade a construção, pelo menos simbólica, de nação. Tal concepção simbólica seria que “O "espírito ou caráter nacional" é privilegiado como resultante das forças internas que regem o desenvolvimento espontâneo do povo ou da comunidade”.<sup>4</sup>

De outro modo, o nacionalismo ligado a uma origem política amplifica a figura do legislador, ou seja, da atuação legiferante estatal como o mais importante impulso para a constituição de uma nação.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> CEIA, Carlos; *Nacionalismo Literário, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt>. Acesso em 01/10/2018.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 29.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, 1990, p. 29.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, 1990, p. 29.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 30.

Importa ressaltar que a distinção entre nacionalismo cultural e político não representa uma contradição lógica, pois as duas teorias analisam as relações desenvolvidas pelo homem na sociedade e, assim, ambas possuem elementos tanto culturais quanto políticos.<sup>6</sup>

Então, de maneira geral, o nacionalismo pode ser definido como uma força motriz que permite a organização cultural e política de um povo, a partir da colocação do ideal de nação como o mais alto dentre os diversos valores culturais que permeiam uma sociedade.

Nesse sentido,

O ideal nacional envolve o desenvolvimento de um tipo específico de solidariedade que vem predominar sobre outras formas de consciência de pertencimento. Seu surgimento tem, em geral, como pano de fundo a constituição de novos Estados, e seu desdobramento ocorre mediante um processo de contraste ou isolamento entre diferentes Estados e populações.<sup>7</sup>

Essa ideia de nacionalismo exposta acima, consistente na adesão e obediência do sujeito ao Estado e suas leis, além de estar ligada a um ideal político de nação, representa a tradição iluminista consagrada com o Estado Liberal surgido na França, no período pós Revolução Francesa. No modelo estatal francês, influenciado por Rousseau, a nação tinha como parâmetro o conceito de território, que era a porção de terra subordinada a uma legislação comum. Assim, ser cidadão da nação francesa era estar submetido aos mesmos deveres e direitos naturais.<sup>8</sup>

Já o nacionalismo cultural se desenvolve na Alemanha e é fundamentado pela rejeição à liberdade individual como elemento constituinte de uma nação. Dentre os autores alemães, destacou-se Herder, que contribuiu para a ideia de que a coesão social viria de uma herança cultural. Para ele, cada povo desenvolvia sua cultura através de modos de pensar, símbolos e linguagens internas à própria coletividade.<sup>9</sup>

Assim, para Herder:

Uma nação é feita do que ela é pelo seu 'clima', educação, relações com seus vizinhos e outros fatores mutáveis e empíricos, e não por uma 'essência' íntima impalpável ou por um fator inalterável, como a raça ou a cor.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, 1990, p. 30.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 31.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 36.

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 36.

<sup>10</sup> BERLIN apud OLIVEIRA, 1990, p. 37.

Herder entendia que as relações entre as pessoas componentes de uma coletividade seriam naturais, diferentemente da relação entre governante e governado, esta que romperia com a naturalidade.

Nessa acepção, os Estados não seriam capazes de criar nações, pois estas seriam frutos de uma cultura comum propagada naturalmente entre as pessoas. Logo, o Estado não poderia representar apenas um regime político que impedisse a manifestação da personalidade individual.<sup>11</sup>

## **1.2 Literatura nacional ou propagandista?**

Desde o Império, sempre houve a preocupação por parte das autoridades em legitimarem suas posições através da adulteração da história. Vê-se tal manobra em pinturas do célebre Pedro Américo, que retratou batalhas e outras passagens históricas de forma épica, como o Grito do Ipiranga, com o intuito de conferir força militar e institucional ao aparato imperial.

Contudo, o regime monarquista não se manteve forte por muito tempo. A crise econômica surgida após os gastos com a Guerra do Paraguai e a perda de apoio das oligarquias rurais, descontentes com a não indenização após a abolição da escravidão em 1888, levaram a um enfraquecimento governamental do Império, permitindo a ascensão da República.

Fato é que no final da vigência do Império, os jornais já tentavam promover uma ligação do setor militar com o projeto republicano. Tal fato seria consequência do sentimento patriótico surgido após a vitória brasileira no maior conflito armado da América do Sul. O Exército passa a enxergar em si os papéis de salvar de pátria e guiar a nação.

O início da experiência republicana no Brasil sofreu de muita instabilidade em razão dos inúmeros conflitos que surgiram em diferentes regiões do país. Enquanto a ideia de República está atrelada à formação de um poder soberano baseado na vontade popular, o modelo republicano, que surgiu em 1889, sofreu com protestos em virtude de ter sido promovido por um movimento empreendido pelo militarismo com as elites rurais.

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 37.

Contrariamente ao fato de que “os intelectuais e propagandistas da República viam o novo regime como uma etapa da "atualização" do Brasil, do seu ingresso no século civilizado”<sup>12</sup>, o movimento republicano não teve caráter popular, de modo que vários setores civis foram marginalizados pela nova ordem.

Aproveitando essa introdução histórica, resgata-se o debate que busca responder a partir de quando a população brasileira se tornou uma nação. Tal questionamento recebeu atenção da Literatura e foram formuladas visões distintas.

Conforme Antônio Cândido, a partir do século XVIII, surge uma literatura brasileira que articulava um sistema consistente na tríade “autor-obra-público”:

convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considera aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns [...] Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor [...] que liga uns aos outros.<sup>13</sup>

Assim, seria com os árcades mineiros que surgiu a vontade de se escrever textos sobre temas desvinculados da metrópole portuguesa, ou seja, que tratem de sentimentos da nação brasileira. Contudo, o autor ressalta que a celebração da pátria ganha maiores contornos na escola literária seguinte, qual seja o Romantismo, na perspectiva do indianismo.<sup>14</sup>

Contrariamente, Afrânio Coutinho entende que o marco inicial da literatura brasileira seria a ocupação portuguesa, de modo que ele refuta a teoria que defende a origem da literatura brasileira como relacionada à autonomia política do país.

O intelectual preceitua que a chegada dos portugueses ao Novo Mundo deu surgimento a um “homem novo”, este que, por estar inserido em um diferente contexto geográfico e histórico, desenvolveu sentimentos distintos dos portugueses residentes na metrópole.<sup>15</sup>

Logicamente, o debate em tela não se esgota nos dois autores acima, pois há também outros que se manifestam pela importância da geração surgida em 1870 para a questão

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, 1990, p. 90.

<sup>13</sup> CÂNDIDO, 2000, p. 23.

<sup>14</sup> CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000, p. 25.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 78.

nacional literária. No período entre 1870 e 1914, há uma gama de literatos brasileiros preocupados com o avanço cultural do país.

No intervalo histórico supracitado, há na Europa uma expansão das atividades industriais que levam a novidades tecnológicas, entre elas o telefone, o automóvel, o trem, o avião, a fotografia e o cinema. Por conseguinte, há um aumento na complexidade social até o ponto em que os centros urbanos passaram a se tornar referências culturais. Paris foi um dos grandes polos culturais da época e se destacou pela efervescência da vida urbana a partir da perspectiva otimista pela qual os cidadãos passaram a vivenciar a cidade em busca de divertimento. Tal explosão cultural e social foi denominada de *Belle Époque*, a “Bela Época”, e marcou o surgimento de várias expressões artísticas inovadoras:

Afinal, quando terminava o século XIX, após um período de depressão econômica reequilibraram-se as economias dos países centrais, a partir de certo desafogo e expansão dos negócios na Europa Central e nos Estados Unidos. O resultado foi um clima de otimismo e confiança absoluta que ganhou a cultura, os costumes e a moral. Nesse intervalo breve, de 1890 até a Primeira Guerra Mundial, a evidência da prosperidade deu lugar a uma sociedade de sonhos ilimitados: nascia a belle époque, um período marcado por muita ambiguidade e todo tipo de conjetura.<sup>16</sup>

Seduzidos por esse cenário, os intelectuais brasileiros interpretaram o período republicano como uma oportunidade de distanciamento das instituições imperiais obsoletas e estagnadas, para promoverem uma revolução cultural no país. Essa tentativa de sintonizar o Brasil com a civilização ocidental ficou conhecida como Regeneração e a suposição da época era a de que o advento da República tiraria o país da “letargia da monarquia ou da barbárie da escravidão.”<sup>17</sup>

Para os escritores adeptos à atualização do país, as mazelas sociais se davam pela ignorância do homem comum, que seria determinada por razões demográficas e biológicas:

A antropologia brasileira da época acreditava-se capaz de identificar as verdadeiras causas do conflito social, localizando-as nas questões de ordem étnica. Este pressuposto [...] supunha uma homologia entre a vida orgânica e a vida social.<sup>18</sup>

Dessa maneira, eles julgavam que o Brasil estava inserido em um atraso cultural e por isso tinham o objetivo de promover a evolução do país em conformidade com as ciências que

---

<sup>16</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 133.

<sup>17</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 133.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, 1990, p. 116.

tinham se popularizado na cena ocidental. Assim, foram importados preceitos de correntes positivistas como o darwinismo, o spencerismo e o materialismo.<sup>19</sup>

A ideia de modernização do Brasil impactou no campo das políticas públicas, uma vez que se buscou a remodelação de alguns centros urbanos brasileiros, como a cidade do Rio de Janeiro:

A mudança da natureza das atividades econômicas do Rio foi de monta, portanto, a transformá-lo no maior centro cosmopolita da nação, em íntimo contato com a produção e o comércio europeus e americanos, absorvendo-os e irradiando-os para todo país. [...]. A nova filosofia financeira nascida com a República reclamava a remodelação dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. [...]. Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da cidade, toda ela voltada para a “novidade”, a “última moda” [...].<sup>20</sup>

Na antiga capital federal, deu-se um processo de saneamento da cidade que demoliu antigas estruturas coloniais de arquitetura portuguesa. Ainda houve a rejeição da presença da cultura popular no centro urbano, pois isso poderia representar um prejuízo à imagem da cidade como um local civilizado. Com esse ideal é que os pobres e outros “indesejáveis” foram marginalizados para áreas periféricas:

Com a implantação do projeto urbanístico de Pereira Passos (1902-1906), o Rio de Janeiro tornou-se o palco primordial da encenação cultural da elite europeizada. [...] a crescente separação entre os redutos dos ricos e as zonas periféricas dos pobres estipulavam as ordenações da capital republicana, calcada na modernização do espaço público e no ideal de uma urbanidade cosmopolita.<sup>21</sup>

Na literatura, os primeiros autores impactados pela *Belle Époque* escreviam obras de inspiração cosmopolita, distanciadas dos problemas afetos à realidade social:

[...] os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultura europeu como a verdadeira, única e definitiva tábula de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades, e de abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas, como ele se prometia.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 82.

<sup>20</sup> SEVCENKO, 1995, p. 28.

<sup>21</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 6.

<sup>22</sup> SEVCENKO, 1995, p. 78.

Esses escritores eram jornalistas, acadêmicos e cronistas e, com essa tentativa de elevar o Brasil ao status europeu, acabaram “fazendo-se conhecer por mosqueteiros intelectuais”.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> SEVCENKO, 1995, p.79.

## 2 UM ESCRITOR DESTOANTE

### 2.1 A cena literária

Se o “homem de letras” teve papel fundamental para, no Romantismo, validar a existência da nação alheia à consangüinidade real [...], a partir da Proclamação da República tocou a ele legitimar a formação do estado-nação e a sociedade burguesa que surgia. [...] À geração de intelectuais da primeira república coube essa busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para construção da nação.<sup>24</sup>

Foi notória a participação ativa de escritores brasileiros em prol de transformações sociais como a abolição da escravatura e a instituição da República, no final do século XIX. Contudo, uma vez instituído o regime republicano, os autores se iludiram com a promessa civilizatória e deixaram de lado a problemática social, a fim de institucionalizarem a República e a si próprios enquanto literatos:

Vemos, portanto, que esse desdobramento a nível mundial da cultura europeia forçava no sentido de uma europeização das consciências e gozava da vantagem de ser o único padrão de pensamento compatível com a nova ordem econômica unificada, fornecendo, pois, o subsídio para as iniciativas de modernização das sociedades tradicionais. O caso brasileiro é típico.<sup>25</sup>

Dessa maneira, a cidade se tornou um “palco para a encenação do progresso nascente que foi celebrado pela imprensa e pela literatura, em muitos momentos com entusiasmo.”<sup>26</sup> Esse otimismo quanto ao modo de vida burguês trouxe a muitos escritores a possibilidade de se sustentarem escrevendo sobre a própria cidade.

A imprensa é o meio que promove a profissionalização do escritor, pois o jornal evolui de um mero espaço de divulgação de informações para uma plataforma onde se promovessem cultura, ideias e discussões sobre a sociedade. Aos autores, então, era destinada uma seção de comentário denominada folhetim, onde eram escritas predominantemente crônicas literárias, mas com o tempo foi possível a divulgação também de trechos de livros literários.<sup>27</sup>

<sup>24</sup> SCHERER, 2011, p. 974.

<sup>25</sup> SEVCENKO, 1995, p. 82.

<sup>26</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 2.

<sup>27</sup> NASCIMENTO, Luciana. CARTOGRAFIAS URBANAS: LITERATURA E EXPERIÊNCIA URBANA NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA. *RECORTE – revista eletrônica*, v. 12, n. 1, p. 1-16, janeiro-junho, 2015. ISSN 1807-8591. Disponível em [http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf\\_57](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf_57). Acesso em 26 out. 2018.

Com a evolução da imprensa, os literatos deixam de lado os folhetins e passam a escrever suas crônicas no formato de colunas. Isso importa em uma escrita mais complexa, pois agora os escritores passam a narrar fatos e emitir opiniões, bem como mesclam a realidade com elementos ficcionais.<sup>28</sup>

Nomes como os de Olavo Bilac, Coelho Neto, João do Rio, Aluísio Azevedo, Guimarães Passos, entre outros, formavam parte desta geração que começou na boemia e se institucionalizou em poucos anos e que, nessa nova posição, lutava para ser distinguida por sua atividade e pelo seu papel na sociedade brasileira de então.<sup>29</sup>

Dentre os escritores supracitados, destaca-se Olavo Bilac, que colaborou junto à Revista *Kosmos*, e demonstrou interesse pela *art nouveau*, a fim de promover uma estética de escrita preocupada em retratar o desejo da sociedade de alcançar os supostos altos níveis de civilização e cultura europeus.

No início do século XX, vivia-se um período de ampla profusão do positivismo científico e, dentre as suas correntes derivadas, o darwinismo social, ou seja, o cientificismo implicava na ideia de que as degradações presentes na urbe, como crimes, vadiagem, pobreza e doenças, estavam ligadas à presença de determinados tipos humanos.

Sendo as classes pobres e minoritárias verdadeiras ameaças ao projeto de europeização da capital carioca, o governo federal autorizou que a Prefeitura procedesse com programas de demolição de cortiços e de vacinação obrigatória. Logicamente, houve insatisfação popular, que levou a episódios como a Revolta da Vacina de 1904.

Bilac e os outros autores comprometidos com a modernização do país vinham de famílias abastadas ou pelo menos eram “parentes pobres de família ricas”<sup>30</sup> e por isso suas posturas eram no sentido da manutenção do *status quo* das classes dominantes. Desta feita, escreviam de modo a deslegitimarem os levantes populares que se insurgiam contra as políticas urbanas higienizadoras no Rio de Janeiro.

Em meio a literatos que se profissionalizam na imprensa, há a figura de Alberto Figueiredo Pimentel, o qual, assim como Olavo Bilac, era um entusiasta do progresso urbano e inclusive foi o criador do slogan “O Rio civiliza-se”. Enquanto colaborador do jornal *A*

<sup>28</sup> NASCIMENTO, Luciana. CARTOGRAFIAS URBANAS: LITERATURA E EXPERIÊNCIA URBANA NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA. *RECORTE – revista eletrônica*, v. 12, n. 1, p. 1-16, janeiro-junho, 2015. ISSN 1807-8591. Disponível em [http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf\\_57](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf_57). Acesso em 26 out. 2018.

<sup>29</sup> SCHERER, 2011, p. 972.

<sup>30</sup> MICELI *apud* SCHERER, 2011, p. 974.

*gazeta de notícias*, Pimentel conferiu um ar mundano aos seus textos, já que escrevia sobre temas que ele captava nas ruas, principalmente na Rua do Ouvidor. Essa crônica mundana ia ao encontro dos esforços empreendidos pelo prefeito Pereira Passos, que incentivava os eventos populares, a fim de conferir legitimidade social às políticas modernizadoras da cidade.<sup>31</sup>

Esse “novo jornalismo”, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornam-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom tom sob a atmosfera da Regeneração. Cria-se assim uma “opinião pública” urbana, sequiosa do juízo e da orientação dos homens de letras que preenchiam as redações.<sup>32</sup>

Tal mundanismo representava o esforço por uma escrita voltada ao retrato da vida burguesa, sem trazer quaisquer reflexões acerca dos problemas sociais ou do papel da literatura em uma sociedade marcada por desigualdades.

A literatura jornalística mergulha a cultura brasileira em uma crise intelectual caracterizada pelo abandono da sensibilidade e dos pressupostos românticos. O jornalismo que se pauta pelo desejo de relatar o aspecto vulgar das pessoas era, na realidade, o reflexo de uma sociedade que deixava de lado sentimentos interiores ou morais para dar importância a valores materiais e mercantis.<sup>33</sup>

O jornalismo atrai boa parte da atividade intelectual da época, pois ao crescer paralelamente com o processo de modernização da cidade, conseguiu adentrar a esfera privada das pessoas, atuando como uma força padronizadora do pensamento na coletividade.

Fato é que as inovações industriais reduziram a importância da literatura, a qual perdeu espaço para jornais diários, revistas mundanas, manuais científicos e outras modalidades de lazer como o cinema e a fotografia. O surgimento de uma consciência burguesa quase homogênea levou a uma produção literária limitada e direcionada à reprodução de clichês que coubessem na zona de conforto do público burguês.

---

<sup>31</sup> NASCIMENTO, Luciana. CARTOGRAFIAS URBANAS: LITERATURA E EXPERIÊNCIA URBANA NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA. *RECORTE – revista eletrônica*, v. 12, n. 1, p. 1-16, janeiro-junho, 2015. ISSN 1807-8591. Disponível em [http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf\\_57](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf_57). Acesso em 26 out. 2018.

<sup>32</sup> SEVCENKO, 1995, pp. 94-95.

<sup>33</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 95 e 96.

Em face desse cenário, Lima Barreto se opõe à literatura enquanto “sorriso da sociedade”<sup>34</sup> e escreve uma série de crônicas lançadas no folhetim *O subterrâneo do Morro do Castelo*, onde o autor resgata várias histórias sobre o Morro do Castelo, este que fora demolido para a construção de uma avenida.<sup>35</sup>

Com essas crônicas, Lima Barreto confere uma simbologia às memórias cartográficas da cidade, no sentido de que a implosão do Morro do Castelo representa a modernidade se sobrepondo ao passado para abrir espaço ao novo Rio de Janeiro consistente em um “palco para a encenação do poder e das decisões políticas da nascente República brasileira”.<sup>36</sup>

A postura crítica de Lima Barreto dirigida ao jornalismo não era aleatória, uma vez que ele era presença rotineira em jornais com artigos e crônicas. Não obstante ter se notabilizado com fama de romancista, o autor também foi jornalista e essa experiência lhe permitiu refletir sobre a função da imprensa.<sup>37</sup>

Então, seguindo esse raciocínio, Lima Barreto ultrapassa a postura de rejeição à imprensa e se volta para a profissão de um jornalismo em que ele acreditasse. É desse esforço que ele cria a revista *Floreal*, cujo editorial deixa bem clara a intenção do autor de criar um espaço onde qualquer um pudesse expor opiniões sobre os variados aspectos da sociedade. O estabelecimento de um caráter mais ou menos autoral à revista seria “como um grito de afirmação de um indivíduo que sonha e deseja pra si um destino literário. Um grito e um desabafo de quem quer escrever e não encontra espaço.”<sup>38</sup>

## 2.2 A literatura distinta de Lima Barreto

Apesar da produção literária ufanista, a heterogênea realidade brasileira fez com que surgissem outros autores com diferentes análises. Didaticamente, esses literatos foram enquadrados na história literária brasileira como pré-modernistas. Ressalte-se que o pré-modernismo não foi uma escola literária propriamente dita, já que não havia um conjunto de

<sup>34</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 10.

<sup>35</sup> NASCIMENTO, Luciana. CARTOGRAFIAS URBANAS: LITERATURA E EXPERIÊNCIA URBANA NA *BELLE ÉPOQUE* CARIOCA. *RECORTE – revista eletrônica*, v. 12, n. 1, p. 1-16, janeiro-junho, 2015. ISSN 1807-8591. Disponível em [http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf\\_57](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf_57). Acesso em 26 out. 2018.

<sup>36</sup> NASCIMENTO, 2015, p. 15.

<sup>37</sup> BOTELHO, Denilson. Sobre os meios e modos de fazer jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção. *ANTÍTESES*, v. 6, n. 11, p.32-52, janeiro-junho, 2013. ISSN 1984-3356. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193327933004>.

<sup>38</sup> BOTELHO, 2013, p. 46.

autores organizados em prol de um mesmo ideal. Na verdade, foi uma fase de transição entre a produção literária do século XIX e o Modernismo, marcada por obras com preocupações e reflexões quanto ao aspecto social:

Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural.<sup>39</sup>

Os pré-modernistas foram autores que, de algum modo, distanciaram-se da literatura cosmopolita em voga até então. Assim, é possível identificar em suas obras elementos que seriam uma espécie de semente do pensamento moderno no país, tais como a ruptura com a herança parnasiana e simbolista, a crítica ao academicismo literário, o regionalismo, a denúncia da realidade social e o retrato de tipos humanos marginalizados, entre eles o sertanejo nordestino, o “caipira” interiorano, o morador do subúrbio urbano, os negros e os mulatos.

Os autores dessa geração tentavam propor reflexões sociais, mas não encontraram muito eco na própria sociedade, haja vistos os enormes índices de analfabetismo da época. Assim, a falta de um público de leitores levou ao ceticismo literário, de modo que o domínio do poder pelas oligarquias rurais acabou por afastá-los de vez da vida pública.<sup>40</sup>

Embora situado didaticamente dentro do pré-modernismo, Lima Barreto desenvolveu sua crítica sociopolítica em um estilo literário próprio e destoante dos seus contemporâneos. Contudo, antes de se realizar um estudo aprofundado das obras de Barreto, serão tecidas breves considerações sobre os autores que inauguraram a temática pré-modernista.

Nos primeiros anos do século XX, por exemplo, “foram produzidas obras - como *Canaã*, de Graça Aranha, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ambos de 1902 - nas quais o otimismo resultante de uma filosofia do progresso não era o tom dominante”.<sup>41</sup>

Graça Aranha desenvolve *Canaã* como um romance-tese fundado no debate ideológico entre Milkau e Letnz, que são dois imigrantes alemães recém-chegados a Porto do Cachoeiro, Espírito Santo. Milkau representa o universalismo e defende o Brasil de modo idealista, enquanto Letnz, partidário de uma perspectiva segregacionista, é preconceituoso e acredita em uma suposta supremacia dos arianos sobre os demais povos.

---

<sup>39</sup> BOSI, 1994, p. 306.

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 87.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, 1990, p. 86.

Do cotejo entre Graça Aranha e Lima Barreto, vê-se que ambos os autores são advindos de classes sociais contrárias e, portanto, tiveram experiências de vida distintas, as quais influenciaram para que ambos optassem por estilísticas literárias diferentes. Contudo, há uma aproximação entre os dois:

[...] ambos expressaram uma atitude espiritual frontalmente *antipassadista* e premonitória da revolução literária dos anos 20 e 30; e, sobretudo, achavam-se ambos impregnados de forte sentimento nacional e aguilhoados por uma consciência crítica dos problemas brasileiros.<sup>42</sup>

Apesar de ter nascido no Maranhão, Graça Aranha parte para o Recife ainda jovem para estudar Direito e é justamente a cena recifense que apresenta ao autor as teorias monistas e evolucionistas que mais tarde seriam objetos de sua escrita.

A carreira de magistrado também contribui para o surgimento de *Canaã*, pois o autor foi lotado como juiz municipal em Porto do Cachoeiro, no Espírito Santo, onde entrou em contato com uma comunidade repleta de imigrantes alemães. Nesse sentido, pode-se dizer que a soma das influências científicas com o testemunho do contraste entre o modo de viver brasileiro e o ideário germânico, em Porto do Cachoeiro, sedimentaram o caminho para o surgimento de *Canaã*.<sup>43</sup>

O aspecto moderno da obra em tela se consubstancia na antecipação do tema da supremacia de raças já em 1902, o qual ganharia maior escopo global no decorrer do século XX, culminando na Segunda Guerra Mundial.

Como oposição crítica aos ideais racistas de Lentz, Milkau defende um evolucionismo humanitário, mas seu arco não se resume somente à argumentação teórica, já que evolui para uma postura ativa de proteção de Maria, uma colona que engravida e é expulsa de casa pelos patrões, além de levar a culpa quando o filho recém nascido é morto por porcos. Milkau resolve libertá-la para que juntos possam fugir para a terra prometida, ou seja, *Canaã*, “onde a vida não seja uma competição de ódios, mas uma conquista de amor.”<sup>44</sup>

Graça Aranha não desenvolve personagens complexas, visto que o romance está mais preocupado com a exposição do debate entre as teses científicas. Contudo, a descrição

---

<sup>42</sup> BOSI, 1994, p. 325.

<sup>43</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 326.

<sup>44</sup> BOSI, 1994, p. 327.

fortemente naturalista de passagens violentas e irracionais, que existem enquanto contraposições ao idealismo pacífico de Milkau, é o que confere notoriedade à obra.<sup>45</sup>

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha se propõe a uma investigação jornalística e científica do movimento social de Canudos, embasado pelo Determinismo de Taine. Segundo essa perspectiva determinista, o comportamento humano é definido por três fatores, quais sejam o meio em que o ser humano está inserido, a sua raça e o momento histórico em que vive.

Assim, Euclides divide a obra em três segmentos: *A terra*, que representa o meio e é onde o autor descreve as condições geográficas da região; *O homem*, representando a raça, parte na qual Euclides teoriza que a miscigenação entre o índio, o negro e o branco gerou uma raça degenerada, que seria o sertanejo; e, por fim, *A luta*, passagem esta que trata do momento histórico, de modo que é a mais importante, pois é nela em que o escritor descreve a Guerra de Canudos sob um ponto de vista histórico, jornalístico, científico e romanesco:

O moderno em Euclides está na seriedade e boa-fé para com a palavra. [...]. *Os Sertões* são obra de um escritor comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade. É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrenta-lo.<sup>46</sup>

Embora escrito por um engenheiro, *Os sertões* apresenta uma paixão pela narrativa da realidade que se sobrepõe à descrição científica a ponto de ter conferido grande repercussão à obra, garantindo a Euclides da Cunha uma cadeira na Academia Brasileira de Letras em 1903.<sup>47</sup>

Contudo, não se deve pensar no autor como um pessimista que narrou o sofrimento no episódio de Canudos de forma alheia à realidade dos sertanejos. Na verdade, criticar abertamente a desigualdade socioeconômica, que afligia o país naquela época, não era uma tarefa simples, pois aqueles que se opusessem às repressões contra os levantes populares eram tidos como traidores da pátria. Dessa forma, a obra constitui um paradoxo em si mesma já que suas palavras “alternam a certeza do fim das “raças retrógradas” e a denúncia do crime que a carnificina de Canudos representou”.<sup>48</sup>

<sup>45</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 328.

<sup>46</sup> BOSI, 1994, p. 309.

<sup>47</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 307.

<sup>48</sup> BOSI, 1994, p. 309.

Ao vivenciar de fato o cotidiano daquela comunidade, Euclides da Cunha vai além das visões científicas e realiza uma crítica social à forma pela qual a população daquela região foi negligenciada e massacrada pelo Estado brasileiro, mesmo que não explicitamente. Ainda, o autor fecha a obra com a conclusão de que há dois Brasis, um civilizado e outro primitivo, de maneira que esse relato sobre o abandono do povo nordestino é a principal contribuição do livro.

Quanto à Primeira República, Euclides da Cunha e Lima Barreto apresentavam visões diametralmente opostas, tanto em relação ao estilo de escrita quanto às suas experiências de vida. Ainda assim, há um ponto de similaridade entre os dois autores, qual seja a formação positivista de ambos. Ressalta-se que eles assimilaram a doutrina positivista diferentemente, mas é possível observar pressupostos básicos do positivismo nos substratos de suas obras.<sup>49</sup>

“Diretamente ligado a essa formação positivista original, embora mais amplo e atual do que ela, marcava também os autores o credo inabalável num humanitarismo cosmopolita.”<sup>50</sup>. Em outras palavras, Cunha e Barreto acreditavam na exaltação dos seres humanos enquanto partes de um mesmo todo, sem que os homens fossem diferenciados uns dos outros pela nacionalidade, a fim de que se alcançasse um espaço civilizatório de harmonia e de inclusão geral.

Contudo, no período de transição entre os séculos XIX e XX, há um aumento significativo da atividade mercantil, o qual induz a sociedade a um sistema consumista de organização social. Aqui há outro ponto de contato entre os dois autores em vista, pois eles entendiam que esse modo de vida influenciado pelas tendências consumistas impediria a suposta harmonia a ser estabelecida entre os homens e por isso ambos os escritores teceram críticas às tensões sociais surgidas com o advento dessa sociedade de mercado.<sup>51</sup>

Nesse sentido, e acompanhando as próprias tendências históricas desse período, os autores deslocaram o impulso lírico de suas obras do tema até então onipresente na literatura ocidental – o amor como culminância trágica da estória de uma individualidade exemplar – para interpretá-lo num contexto social mais amplo, como um momento da manifestação da “simpatia universal”. [...]. Há nos seus livros um roteiro de busca, não só da solidariedade perdida, mas de uma nova que o futuro prometia.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 121.

<sup>50</sup> SEVCENKO, 1995, p. 121.

<sup>51</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 121 e 122.

<sup>52</sup> SEVCENKO, 1995, p. 122.

Ao procederem com a defesa de uma comunidade humanitária não limitada por fronteiras, Euclides da Cunha e Lima Barreto esbarraram no problema referente à questão nacional. Fato é que ambos rejeitavam o ufanismo cosmopolita, que representava um esforço por parte da burguesia brasileira em copiar e assimilar os modos e os costumes europeus.

Na realidade, tanto Cunha quanto Barreto entendiam que o surgimento de uma consciência nacional seria o necessário para que o país pudesse participar de um sistema de solidariedade universal das coletividades humanas, mediante a incorporação recíproca de ideias e de conceitos entre essas sociedades.<sup>53</sup>

Conforme exposto nos parágrafos acima, existem aproximações entre Lima Barreto e Euclides da Cunha e elas podem ser definidas, através de um exercício de síntese, como um esforço para que as elites deixassem de lado a ilusão de se conectarem com a Europa e voltassem seus olhares para o Brasil, preocupando-se com o seu semelhante brasileiro, seja ele um sertanejo, um suburbano ou um indígena.<sup>54</sup>

Não obstante as similitudes, importa ressaltar que há, entre os dois, um “antagonismo indissolúvel em torno de quatro temas fundamentais não somente em suas obras, mas ao longo de todo esse período: ciência, raça, civilização e a atuação do barão do Rio Branco.”<sup>55</sup>

Embora os projetos de cada autor tivessem como norte principal a busca por uma sociedade humanitária, é nítido como seguem rumos opostos e quanto a isso é possível afirmar-se que a principal contradição se dá em face do conceito de raça. Enquanto Euclides da Cunha era aberto à influência das teorias científicas, Lima Barreto via o positivismo científico como um instrumento de preconceito.

O conceito de raça sempre foi polêmico e impreciso, de modo que o termo não foi cunhado fundadando-se somente em pressupostos biológicos. Quando surge essa ideia de distinção de seres humanos motivada por características físicas, as grandes potências europeias repartiam territórios na África e na Ásia em uma corrida imperialista voltada à obtenção de recursos capazes de manterem o consumo de uma sociedade europeia que vivia o auge da II Revolução Industrial.

---

<sup>53</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 122.

<sup>54</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 123.

<sup>55</sup> SEVCENKO, 1995, p. 123.

Portanto, o neocolonialismo encontrou, nas teorias sobre raças, legitimidade para explorar continentes menos desenvolvidos a partir da premissa de que os europeus estariam levando civilização para os povos tidos pela ciência como atrasados e inferiores. Quando as teorias raciais chegam ao Brasil, são adotadas pela elite colonial e influenciam o surgimento de políticas públicas higienistas, que expulsam negros e mulatos dos centros urbanos.

Como conseqüência das teses científicas, Euclides da Cunha aceitava pacificamente que o homem caucasiano seria uma raça superior aos africanos e indígenas, por exemplo. De outro modo, Lima Barreto, um mulato que cresceu e conviveu com negros e mestiços; e que não só testemunhou, mas sofreu com o preconceito, possuía uma postura de rejeição quanto ao cientificismo racialista.

O posicionamento de Lima Barreto acabou levando-o a uma rota de colisão contra o barão do Rio Branco, que chefiou o Ministério de Relações Exteriores por um período durante a República Velha. Para Barreto, o chanceler seria um dos principais responsáveis pelo aumento do preconceito racial contra negros e mulatos, justamente em uma época da história brasileira onde o governo federal incentivava a imigração de trabalhadores europeus com a finalidade de embranquecer a população brasileira.

Por conseguinte, não é surpresa que Euclides se desse bem com o barão, de modo que frequentava o círculo socioliterário empreendido pelo chanceler, que contava com outros membros ilustres como Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Machado de Assis. Dessa forma, enquanto Euclides via o imigrante europeu como uma espécie de guia para a prosperidade do Brasil, Lima Barreto entendia que o fomento à imigração de brancos europeus seria desprezar e impor o desemprego às minorias brasileiras.<sup>56</sup>

A forma de representação da cultura popular também é outra divergência entre os autores:

Euclides adota um modelo maudsleiano para a análise e compreensão dos versos populares encontrados nas cabanas de Canudos, enquadrando-os na linguagem do psiquiatra social inglês, como “desvários rimados em quadras incolores”. Já Lima Barreto, embora sempre se referisse a Canudos com a linguagem deixada por Euclides, demonstrava uma flexibilidade maior no trato dos registros que fez da cultura oral popular, procurando analisa-los como funções típicas e eficazes no interior dos grupos sociais dos quais procediam, numa perspectiva que seria já muito próxima da moderna antropologia cultural.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 124.

<sup>57</sup> SEVCENKO, 1995, p. 125.

Essa diferença exemplificada acima é decorrência direta da maneira como cada um assimilou o positivismo, pois Euclides continuou fortemente influenciado pelas correntes científicas. Já Lima Barreto rejeitou todo o escopo determinista e manteve no seu estilo somente os pressupostos gerais positivistas.

Inclusive, essa fidelidade de Euclides da Cunha levá-lo-ia a exaltar a remodelação do ensino superior de acordo com o sistema comtiano, sob o argumento de que tal modelo produziria uma elite qualificada a dirigir o país. Por outro lado, Lima Barreto rejeitava essa ideia e dizia que o ensino acadêmico era responsável pela constituição de uma casta de indivíduos privilegiados que dominariam as funções governamentais.<sup>58</sup>

Os dois também se antagonizaram em relação à República, posto que Euclides havia lutado pela sua implantação e, portanto, fazia questão de reiterar sua confiança no novo modelo. Por sua vez, Lima Barreto ligava o advento do novo regime à ocorrência de infortúnios pessoais, como a exoneração do pai do serviço público. Ainda, Barreto estendia a experiência republicana como fonte para todas as demais mazelas sociais.<sup>59</sup>

Outra diferença se trata “no seu modo de relação com a forma de vivência e sociabilidade tipicamente intelectual”<sup>60</sup>. Dito de outro modo, Euclides da Cunha rejeitava a boêmia, porque para ele era uma prática de jovens literatos ignorantes cujos textos permeados de sátira o irritavam. Contrariamente, ainda que não tenha sido um boêmio ávido, Lima Barreto era sempre bem-vindo nas confeitarias cariocas, uma vez que a escrita satírica era marcante em seu estilo.

Considerando-se as semelhanças e as distinções expostas, é possível concluir que:

Ambos procuravam carregar ao máximo as suas obras de conteúdo histórico, num esforço de vê-las compartilhar assim, influenciando e deixando-se influir, do destino da comunidade a que se ligavam conscientemente. Nelas a postura intelectual crítica e combatente é simultaneamente epidérmica e estrutural, constituindo um produto estético tanto ao nível do assunto, dos personagens, dos cenários e dos procedimentos de linguagem quanto das camadas mais profundas de significação. [...]. E só por meio dela canalizavam a sua ética monolítica e incorruptível, fixada pelo positivismo, mas herdada de um mundo mais antigo, em que o padrão de sociabilidade implicava valores mais sólidos.<sup>61</sup>

<sup>58</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 125.

<sup>59</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 125.

<sup>60</sup> SEVCENKO, 1995, p. 125.

<sup>61</sup> SEVCENKO, 1995, p. 127.

Feito o recorte sobre literatura destoante de Lima Barreto em meio a alguns de seus contemporâneos, passa-se à análise de temas dominantes na obra do autor.

### 3 LIMA BARRETO

#### 3.1 Breve biografia

A biografia de Lima Barreto explica o húmus ideológico da sua obra; a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas   viva consciência da própria situação social, motivaram aquele seu socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises.<sup>62</sup>

Para se estudar a obra de Lima Barreto   imprescindível que se resgate a sua biografia, a fim de que, posteriormente, sejam identificados traços nos seus personagens e enredos que espelham a sua experiência de vida.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 em uma casa simples na rua Ipiranga, no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro. O bairro contava com uma conformação social bem variada, com casarões de famílias abastadas convivendo com residências do funcionalismo público de classe média e moradias mais populares, como vilas de imigrantes e operários, e cortiços.<sup>63</sup>

O autor teve como pais a professora Am lia Augusta e o tipógrafo João Henriques, os quais souberam identificar na qualificação educacional uma oportunidade de ascensão social. Considerando que o  ndice de analfabetismo beirava a 82,6%, em 1890, ser alfabetizado já era não são um motivo de congratulações, mas também uma forma de conquistar um pouco de espaço na sociedade.<sup>64</sup>

É importante pontuar que Lima Barreto nasce em um Brasil ainda legalmente escravocrata e, mesmo que o abolicionismo estivesse ganhando força, a segregação da população negra se torna algo incrustado na consciência das elites. Dessa maneira, os impactos escravidão se perpetuam na vida de Lima Barreto mesmo após a Lei  urea de 1888, de modo que a questão racial se torna uma das vertentes mais trabalhadas em suas obras.

A escravidão não foi apenas um tipo de mão de obra, ou um detalhe da nossa economia. Ela criou um modo de ser e estar em tal sociedade: uma linguagem social com graves consequências. Essa é, pois, uma história coletiva, mas também individual porque traz os dramas de cada pessoa e de cada família. Nesse sentido, ela atingir  em cheio a vida dos Barreto e a literatura de Lima, que jamais abriu mão

<sup>62</sup> BOSI, 1994, p. 316.

<sup>63</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 21 e 22.

<sup>64</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 24 e 25.

de denunciar as mazelas da escravidão no Brasil, os mecanismos de humilhação, bem como as diversas formas de racismo por aqui vigentes.<sup>65</sup>

Desse modo, a biografia de Lima está intrinsecamente ligada à conjuntura escravocrata do Brasil. Sua mãe, d. Amália, era filha de uma escrava alforriada e neta de uma escrava que veio de uma nação africana chamada Rebolo, para ser escrava doméstica. Essa ascendência materna esteve presente na obra de Lima Barreto, que entrelaçava realidade e ficção. A construção da imagem da sua bisavó, por exemplo, refletia “na pele das inúmeras personagens matriarcais, nas quitandeiras de rua, nas conselheiras, naquelas feiticeiras que despontam, vira e mexe, na literatura de Lima.”<sup>66</sup>

Todavia, a mãe Amália foi quem ocupou de maneira mais relevante o imaginário literário do autor. A partir da imagem dela, Lima Barreto narra o modelo de abolição que se deu no Brasil, no qual a alforria de um escravo era vista pelo seu proprietário como um presente que implicava ao escravo liberto um dever de retribuição. É nessa perspectiva de gratidão que Geraldina Leocádia, avó do escritor, é alforriada, mas ainda permanece trabalhando para a família dos Pereira de Carvalho.<sup>67</sup>

Esse seio familiar é onde cresce Amália, esta que provavelmente seria fruto de uma relação entre Geraldina e o patriarca da família Manuel Feliciano Pereira de Carvalho.<sup>68</sup> Obviamente que um membro da elite não assumiu abertamente uma filha mestiça e, portanto, trata-se de uma suposição respaldada por relatos da época. Contudo, pesa a favor dessa tese o fato de que Amália é liberada dos afazeres domésticos, além de contar com apoio financeiro da família Pereira de Carvalho para que estudasse. Amália aproveitou tal oportunidade para se formar professora e, assim, lograr uma ascensão social que sua mãe e sua avó jamais tiveram.

Posteriormente, casa-se com e o seu casamento reforça como a educação era uma ferramenta de emancipação para a população negra na Primeira República. Logicamente, apesar de todo o esforço pessoal, volta e meia era necessária uma ajuda externa para que os negros escapassem dos limites impostos à sua origem. Isso é visto no custeio dos estudos de Amália pela família a quem ela era subordinada e também na figura de Afonso Celso de Assis

---

<sup>65</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 26.

<sup>66</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 40.

<sup>67</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 40.

<sup>68</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 33.

Figueiredo, um político monarquista que auxilia João Henriques a conquistar sua formação profissional.<sup>69</sup>

O interessante é que João Henriques compartilhava com a esposa uma ascendência parecida, uma vez que era filho de uma escrava, Carlota Maria dos Anjos, e de um português que não reconheceu sua paternidade. Vê-se repetir a padronização de uma discriminação das mulheres negras que as submetia a abusos pelos senhores e ao mesmo tempo rejeitava qualquer tipo de oficialização desses relacionamentos, bem como impedia o reconhecimento de paternidade dos filhos nascidos de tais relações.<sup>70</sup>

Outro traço importante na vida e nas obras de Lima Barreto seria a loucura. Essa relação se inicia antes mesmo do nascimento de autor, com o seu pai manifestando os primeiros sinais de sua instabilidade mental durante o noivado com Amália. Como era um profissional liberal, João Henriques teve um surto psicótico ao imaginar que não conseguiria manter o padrão de vida que Amália possuía na família onde ela foi criada. Esse episódio lhe rendeu uma internação na Casa de Saúde e de Convalescença de São Sebastião, bancada por Afonso Celso, o visconde de Ouro Preto.<sup>71</sup>

Em dezembro de 1887, Amália veio a falecer de tuberculose. A doença teve uma grande disseminação entre as classes mais populares e chegou até a ser conhecida como a “praga dos pobres”. Em um cenário onde as teorias deterministas raciais estavam em voga, havia muitos cientistas que contribuíram para a estigmatização da doença ao estipularem-na como um sinal hereditário da degeneração dos mestiços. À família de Lima Barreto sobrava o preconceito fundado nos estereótipos da loucura e da tuberculose.<sup>72</sup>

Com o apoio de Afonso Celso, João Henriques conseguiu crescer profissionalmente. Ainda que sofresse de, supõe-se, transtorno bipolar, mantinha o sustento dos seus quatro filhos. No entanto, com o advento da República, esse cenário mudaria, pois o jornal onde ele trabalhava como tipógrafo, *A Tribuna Liberal*, exercia militância contra o republicanismo.

<sup>69</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 41.

<sup>70</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 42.

<sup>71</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 51.

<sup>72</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 56 e 57.

Assim, Afonso Celso, diretor e proprietário do jornal, foi exilado, e João Henriques passou a figurar em uma lista de opositores à República, o que o motivou a pedir demissão.<sup>73</sup>

Pouco tempo depois, o jornal seria fechado, mas antes disso um ataque à sede do periódico ocasionou a morte de João Ferreira Romariz, um jornalista amigo de João Henriques. Tal fato permaneceu na memória de Lima Barreto e, como mais um exemplo de interferência bibliográfica na escrita do autor, tem-se o conto *A sombra do Romariz*, cujo narrador é um tipógrafo denominado Brandão, que conta os fatos que se seguiram à proclamação da República. Sem dúvida, cuida-se de uma referência a João Henriques.<sup>74</sup>

A história dos Barreto sofre uma importante guinada, pois João Henriques se muda para a ilha do Governador, onde trabalharia como almoxarife nas Colônias de Alienados. Após um ano, acostumando-se à nova rotina, que não era nada parecida com a sua formação de tipógrafo, traz os filhos mais novos, Carlindo e Eliézer, para morarem junto com ele. Enquanto isso, os mais velhos, Lima e Evangelina, permaneceram na capital aprimorando seus estudos.<sup>75</sup>

Apesar de ter dado continuidade a sua formação no Rio, Lima Barreto periodicamente visitava o pai e os irmãos na ilha e essa experiência da infância impactaria o autor pelo resto de sua vida, principalmente pela ruralidade e decadência da paisagem local.<sup>76</sup>

O certo é que os arredores da ilha serviram de inspiração para seu romance mais conhecido, *Triste fim de Policarpo Quaresma* [...]. O Curuzu, o lugar para onde o protagonista da história se muda, apresenta muitos paralelos com a imagem que Lima guardou do local de infância. No sítio do seu herói não havia loucos por perto, a despeito de a loucura sempre rondar os romances, os personagens e a própria vida do escritor.<sup>77</sup>

O trabalho na Colônia representava uma nova chance de alcançar prestígio socioeconômico para João Henriques e por isso ele se empenhava bastante nas novas funções. No entanto, o estouro da Revolta da Armada abalaria a paz do lugar, pois vários soldados revoltosos invadiram a ilha do Governador e roubaram alimentos, remédios e demais suprimentos que seriam utilizados no tratamento dos internos. Esse fato levou João Henriques

<sup>73</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 75 e 76.

<sup>74</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 76.

<sup>75</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 79-81.

<sup>76</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 84.

<sup>77</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 85.

a se desequilibrar emocionalmente em face do abandono ao qual ele e os pacientes se encontraram, uma vez que o almoxarife foi o único funcionário da administração que permaneceu na ilha com a responsabilidade de prover para centenas de internos.<sup>78</sup>

A condição mental de João Henriques piora e ele é afastado da administração das Colônias. Quando surge uma denúncia anônima de irregularidades nas contas do Hospício Nacional, feita provavelmente por algum funcionário que desejava ocupar sua função, João Henriques solicita sua aposentadoria, saindo de vez do mercado de trabalho.

Esse ocorrido serve mais uma vez de inspiração para a escrita de Lima Barreto, que retrata Pelino Guedes, funcionário público responsável pela morosidade no processo de aposentadoria de João Henriques, como o exemplo de burocrata que trava a prestação adequada de serviços públicos. “Na literatura de Lima, Pelino seria ora Xisto Beldroegas, em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, ora o secretário bajulador e carreirista do ministro J.F. Brochado, nas páginas de *Numa e a ninfa*.”<sup>79</sup>.

Desta feita, a Lima recaiu a responsabilidade de sustentar a família. Após prestar um concurso, assumiu a vaga de amanuense na Secretaria de Guerra em 1903. Nesse mesmo ano, ele começa a escrever seu *Diário* em forma de notas individuais, que foram reunidas postumamente por Francisco de Assis Barbosa e sua irmã Evangelina Barreto em *Diário íntimo*. Nessas anotações, Lima Barreto expressava o seu pensamento crítico de si e da sociedade à sua volta, bem como projetava alguns de seus romances.<sup>80</sup>

### 3.2 Panorama do projeto literário do autor em obras selecionadas

No ano de 1904, Lima Barreto começa a desenvolver no *Diário* os primeiros rascunhos de *Clara dos Anjos*, um romance inacabado, que o autor alterou durante toda a sua vida. Os textos iniciais desse romance demonstram como o realismo era uma marca mais forte no início da sua. Originalmente, há um maior radicalismo em torno da personagem de Clara, pois ela “supera a primeira desilusão, reage, têm vários amantes, inclusive um português que lhe dá cinquenta contos e a deixa com uma filha.”<sup>81</sup>. Também há inicialmente um maior

<sup>78</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 103-106.

<sup>79</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 142.

<sup>80</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 147 e 151.

<sup>81</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 154

comprometimento de Clara com a questão negra, já que ela denuncia o sistema de segregação racial e se mostra com maior esperança quanto à reação a essa estrutura.

Esse e alguns outros projetos inacabados de Lima já mostram traços que se converteriam em características evidentes em sua obra futura: a crítica ao bovarismo, uma maneira complexa de lidar com a própria circunstância e projetar a vida e a sorte para outro local. O bovarismo representa uma atitude de evasão do imaginário, que implicava conceber-se sempre como outro, diferente do que se é. Conforme Lima gostava de destacar, essa seria uma idiosincrasia da sociedade brasileira. Clara, por exemplo, queria sempre afastar-se da vizinhança. A protagonista julgava-se diferente dos demais por conta de sua educação e cor mais clara, e não se conformava com a vida e o destino a ela reservados nos subúrbios.<sup>82</sup>

Na versão atual, o enredo apresenta Clara como uma mulata suburbana que é bem-criada pelos pais e restrita ao círculo familiar. Isso muda quando ela conhece Cassi, um cantor de modas, por quem ela se apaixona, mas acaba terminando sozinha e grávida. A importância dessa obra também é pelo caráter autobiográfico que o autor confere à obra, pois projeta as discriminações sofridas por ser mulato na personagem principal.<sup>83</sup> Um toque biográfico dado por Lima Barreto a esse conto gira em torno da sua avó paterna, Carlota:

O nome dela será utilizado de forma direta no romance de vida toda de Lima Barreto, *Clara dos anjos*. Além de incluir a ambivalência presente no nome da avó – a cor “clara” e dos “anjos” para uma protagonista “negra” ou “mulata”, conforme descrição presente no livro – o escritor desenha para ela o enredo mais violento em termos de discriminação contra mulheres afro-brasileiras. Clara, como a avó de seu criador, termina sozinha, grávida, prostituída numa das versões do romance.<sup>84</sup>

Assim como em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, “a ação e os sentimentos não chegam a assumir a espessura de um enredo, esfumando-se aqui em retalhos da vida suburbana, animados de ironia e piedade.”<sup>85</sup>

Aliás, o romance sobre Isaías Caminha é lançado a fim de criar polêmica na sociedade e lançar de vez o nome de Lima Barreto na literatura nacional. A obra traz importantes reflexões sociais ao narrar a história de um jovem que chega à cidade para se tornar um doutor, mas acaba sofrendo com o preconceito e com a humilhação. Não obstante a importância do tema tratado, a crítica literária não foi muito favorável ao livro por entender que possuía muita influência pessoal do autor.<sup>86</sup>

<sup>82</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 155.

<sup>83</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 321.

<sup>84</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 42.

<sup>85</sup> BOSI, 1994, p. 322.

<sup>86</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 211-213.

O parecer crítico não estava equivocado de todo modo, pois, em *Recordações*, Lima Barreto se utilizou de várias passagens da sua biografia, mescladas com figuras e acontecimento do jornalismo do período. Mas a obra não se resumia à sátira dos jornalistas, já que o autor abordou assuntos delicados, tais como a segregação social motivada por classe, cor, raça e origem regional.

Isaías era uma espécie de projeção do próprio literato, pois “é por vezes revoltado, por vezes resignado; esperançoso e desiludido; isolado e integrado; crítico das teorias darwinistas raciais, mas temeroso do destino que se inscrevia em sua pessoa; com muitos projetos para realizar, mas pessimista de índole.”<sup>87</sup> Em outras palavras, a personagem principal apresentava a dualidade que marcou a vida do autor, de modo que Lima Barreto era um intelectual que almejava uma carreira próspera, mas que se desiludia em razão do preconceito sofrido e da politicagem que impedia a ascensão de negros e mestiços.

Na mesma época, Lima Barreto escreve *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujo lançamento é preterido pelo de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, pelo fato de o autor considerar Gonzaga de Sá um personagem mais morno. Ou seja, Isaías, um jovem negro, permitiria a Barreto retomar o “negrismo” trabalhado na revista *Floreal*, mas sob um ponto de vista desiludido com a abolição, esta que não garantiu a concreta emancipação do povo negro.<sup>88</sup>

Em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, Lima Barreto faz uma espécie de documentário crítico à sociedade carioca. Gonzaga de Sá é um observador cético de um contexto sociopolítico pós Abolição em que a influência da cultura francesa disfarçava a separação social de negros e mestiços e onde as oligarquias rurais solidificaram seu poder através da burocracia, com o apoio do militarismo e de uma imprensa parcial.<sup>89</sup>

A obra se demonstra afrontosa já pela cacofonia presente no título, de modo que se insurge contra o modelo erudito das gramáticas normativas e da poesia neoparnasiana. Inclusive, essa postura incômoda em relação à estilística formalista é um ponto de semelhança entre Lima Barreto e Monteiro Lobato.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 213.

<sup>88</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 213.

<sup>89</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 320 e 321.

<sup>90</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 321.

Todavia, ressalte-se que a “aproximação com Lobato só é possível, de resto, em termos de atitude crítica geral, antipassadista.”<sup>91</sup>, pois Monteiro Lobato ainda escrevia influenciado pelo academicismo, como se vê em *Urupês*.

A biografia de Lima Barreto demonstra que alguns fatos indesejáveis na vida do autor coincidiram com a instauração do regime republicano. Outros foram decorrência direta da República, como a perda do emprego de tipógrafo pelo pai e depois o abalo na sua saúde mental, após o episódio violento nas Colônias de Alienados. Não é coincidência, então, que o escritor guardasse sentimentos saudosistas pela Monarquia em detrimento da ordem republicana:

uma rematada tolice que foi a tal república. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados.<sup>92</sup>

No seu romance mais famoso, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto aborda a questão republicana e dá ares patéticos ao nacionalismo fanático. Para tanto, retrata o Major Policarpo Quaresma em uma “duplicidade de planos, o narrativo (relato dos percalços do brasileiro em sua pátria) e o crítico (ênfase dos limites da ideologia)”<sup>93</sup>.

Há também uma crítica a figurões da Primeira República, como Coelho Neto e Rui Barbosa, ambos poetas do Parnasianismo, estética literária marcada pelo acondicionamento da escrita em moldes rígidos. Contrariamente, Lima Barreto evita que as palavras brilhem mais do que as situações narradas, a fim de que a descrição de paisagens, de pessoas e de objetos flua naturalmente.<sup>94</sup>

Embora os romances de Lima Barreto tratem de temas polêmicos, amoldados ao ponto de vista do autor, o seu estilo de escrita não é inteiramente subjetivo, pois também se mostra realista. Nesse sentido, cabe afirmar que os seus romances têm muitas características da crônica, já que as narrativas são contextualizadas mediante elementos do cotidiano carioca, como os cafés, os jornais, a vida do funcionalismo público.

É cediço que “*Triste Fim de Policarpo Quaresma* é um romance em terceira pessoa, em que se nota maior esforço de construção e acabamento formal.”<sup>95</sup> Enquanto Isaías

<sup>91</sup> BOSI, 1994, p. 321.

<sup>92</sup> BARRETO *apud* BOSI, 1994, p. 318.

<sup>93</sup> BOSI, 1994, p. 318.

<sup>94</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 318.

<sup>95</sup> BOSI, 1994, p. 319.

Caminha meramente projeta frustrações pessoais, o Major Quaresma vai além de sentimentos individuais e por isso a sua personagem não se restringe somente ao nacionalismo ufanista.<sup>96</sup>

Na realidade, Lima Barreto confere um caráter quixotesco a Policarpo Quaresma, pois apesar de conferir um efeito cômico à personagem, o autor também o retrata como um ingênuo entusiasmado com o projeto nacionalista e essa postura ativa o afasta da inércia dos burocratas.

O início entusiasmado de Policarpo em relação ao sonho nacional reflete a forma pela qual o projeto foi propagandeado pelos setores de classe interessados. Contudo, o progresso do Brasil não se daria pela sua equiparação às modas europeias, mas através da hipervalorização de elementos estritamente brasileiros. A partir dessa premissa, Lima Barreto estabelece o humor da obra conferindo a Policarpo desejos e comportamentos estranhos aos demais personagens, justamente por significarem um nacionalismo alheio à realidade social e não concretizável na prática:

Seus requerimentos pedindo às autoridades que introduzissem o tupi como língua oficial; sua insólita forma de receber as visitas, chorando e gesticulando como um legítimo goitacá; suas baldadas pesquisas folclóricas na tapera de uma negra velha que mal recorda cantigas de ninar [...].<sup>97</sup>

Ante a impossibilidade de um projeto cultural, Policarpo engaja-se em um plano socioeconômico de recuperação da economia através do fomento ao trabalho agrícola. A personagem muda-se para um sítio fora do centro da cidade, “O Sossego”, local onde ele se dedica ao estudo intensivo de botânica para extrair o máximo potencial do solo brasileiro. No entanto, Policarpo é derrotado pela burocracia e pela corrupção da máquina estatal, ao ser prejudicado por manobras de políticos, que o levaram a desistir do sítio.

Na terceira parte da obra, o Major Quaresma luta para defender o governo de Floriano Peixoto contra uma rebelião que historicamente ficou conhecida como “A Revolta da Armada”. Quaresma luta bravamente por acreditar que o Marechal seria capaz de levar o país ao progresso, mas durante o período de conflito, ele se choca com os horrores das batalhas e se afasta em arrependimento. Posteriormente, para a completa desilusão de Policarpo, ele é preso e acusado de traidor da pátria, esta que ele tanto amou e pela qual lutou, literal e figuradamente.

---

<sup>96</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 319.

<sup>97</sup> BOSI, 1994, p. 320.

O melancólico final destinado a Policarpo Quaresma demonstra o ceticismo de Lima Barreto frente aos ideais republicanos, em uma demonstração de que não haveria de fato um projeto de nação. Pelo contrário, o novo modelo de governo que sucedeu o Império representava nada mais do que a manutenção de privilégios para a oligarquia rural, que assumia as rédeas definitivas do país ao ingressar na política.

A obra se destina a uma série de contraposições entre o sonho de nação e a realidade de segregação que se positivava através das correntes deterministas e da burocratização estatal. Essa contradição entre a pátria ideal e a real também é vista na linguagem e na estruturação do livro. A linguagem mais simples e coloquial empregada por Lima Barreto nesse romance é uma dos traços modernos presentes na obra do autor. O uso de uma escrita menos erudita permite a Barreto construir um desencontro entre o ideal e o real na estrutura narrativa. O autor concebeu uma sátira ao estilo dos escritores eruditos da sua época e a projeta na figura do Major Quaresma, cuja maneira polida de se portar esbarra em costumes menos formais.<sup>98</sup>

Assim, esse “*desencontro* vem a ser, desse modo, a constante social e psíquica do romance e explica igualmente as suas defasagens em relação ao nível da língua rigidamente gramaticalizada do Pré-Modernismo”.<sup>99</sup>

O “incansável registro da realidade dos subúrbios cariocas, pela valorização dos costumes, do imaginário e da linguagem popular”<sup>100</sup>, é levado ao seu ápice em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, na medida em que o autor descreve o Rio de Janeiro da Velha República em todos os seus detalhes sociais e culturais, mas mantendo a postura crítica por meio da figura de Policarpo, o qual representa a passagem do nacionalismo ufanista como uma utopia ingênua até a sua falência inevitável.

A loucura, elemento presente em boa parte da vida de Barreto, também é retratada na obra. Primeiramente, o tema é abordado na personagem de Ismênia, uma jovem casadoira, que desenvolve demência quando o noivo foge. A insanidade da moça é fruto da desilusão de Barreto quanto ao casamento. Na mesma linha, Policarpo é tido como louco e internado em face dos seus posicionamentos radicais e excêntricos. Assim, pode-se dizer que “é a loucura

<sup>98</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 320.

<sup>99</sup> BOSI, 1994, p. 320.

<sup>100</sup> ORNELLAS, Clara Ávila. “Lima Barreto, cronista do protesto eterno”. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, pp. 198-205, março/maio 2006.

que constrói a narrativa e confere a ela o tom de folhetim, que guarda a cada dia uma nova desventura, mais um triste fim.”<sup>101</sup>

Em suma,

*Triste fim* é construído, dessa maneira, a partir de uma série de desencantos: com a política e os políticos, com os livros, com o Brasil. [...] Há também nele uma crítica dura e teimosa ao autoritarismo e à repressão ao pensamento divergente, cujo destino só pode ser o manicômio, a prisão ou a morte. Por isso, é uma obra triste, amargurada, e que retoma o pessimismo que já ia se colocando a Lima.<sup>102</sup>

Concluído em 1915, o romance *Numa e a ninfa* seria uma das obras de maior teor satírico de Lima Barreto. Nele, o autor demonstra o seu repúdio às teorias deterministas de raça e tenta alertar os brasileiros para que não dessem grande valor ao imaginário estrangeiro sobre como seria o Brasil. Essa rejeição ao pensamento cientificista se dava pelo argumento de que a ótica do homem branco estrangeiro ignorava a população afro-brasileira, colocando-a sob um véu de invisibilidade.<sup>103</sup>

Ademais, o autor também critica a forma como eram vistos os povos indígenas, que são “retratados ironicamente em *Numa e a ninfa* como bêbados e inadaptados aos costumes estrangeirados da capital.”<sup>104</sup>. Nesse livro, Barreto critica o que ele entende ser um resgate do sentimento republicano e nacional, no sentido de que o patriotismo difundido seria uma mera simbologia artificial. A reflexão do escritor sobre esse ressurgimento de valores patrióticos se dá mediante a retratação jocosa de políticos bonachões que tomavam os índios como inimigos da República e empecilhos para o avanço da civilização.<sup>105</sup>

Lima Barreto retrata o casal principal de *Numa e a ninfa* como dois cônjuges sem muita intimidade um com o outro, de sorte que o interesse de ambos na ascensão política de Numa era o que mantinha a relação. Quando Numa descobre que quem escrevia os seus discursos não era a esposa, mas o amante dela e ainda assim aceita o adultério pensando no seu desenvolvimento político, tem-se uma afronta às instituições tradicionais, como a família e o casamento. O autor da obra atrela a falsidade na união entre o casal protagonista à visão

<sup>101</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 306.

<sup>102</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 306.

<sup>103</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 247 e 248.

<sup>104</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 248.

<sup>105</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 250.

que ele tinha dos políticos, os quais seriam mentirosos profissionais, porque priorizavam a política e as aparências, em detrimento da verdade.<sup>106</sup>

O romance em pauta não foi o de maior destaque da carreira de Lima Barreto, mas é importante já que associa o autor a um estilo panfletário, que demonstra um novo norte literário no escopo do autor. Ao mudar de orientação, Barreto “estava se tornando uma espécie de amanuense crítico da sociedade, uma voz dissonante da nova geração a denunciar as falácias sociais, culturais e políticas da Nova República.”<sup>107</sup>

Por sua vez, *O Cemitério dos Vivos*, obra inacabada e reunida postumamente, é dedicada à experiência de Lima Barreto nas duas internações por alcoolismo no Hospício Nacional. É dividida em duas partes, sendo a primeira referente ao diário onde o autor relata sobre o seu período no casarão da Praia Vermelha. Já a segunda compõe o romance em si, cujo enredo “constitui-se do esboço de uma tragédia doméstica cujos fragmentos alternam com as memórias da vida no hospício”.<sup>108</sup>

O modo pelo qual Lima Barreto reflete sobre a condição do ser humano quando inserido em um contexto de tratamento da loucura, marcado por humilhação e miséria, é o ponto central do enredo da obra. Como sinal do seu gosto pelos literatos russos, é possível perceber similitudes com as *Recordações da Casa dos Mortos* de Dostoiévski, não apenas pela temática de confinamento, mas também considerando a honestidade quanto à retratação humana.<sup>109</sup>

A escrita sincera é também motivada pela vida de Barreto, que inclui a experiência de ter visto seu pai imerso em muitas dívidas e sofrendo com a cobrança sistemática de agiotas. O temor de não conseguir sustentar uma eventual família fez com que o autor decidisse permanecer solteiro. Logo, não é coincidência que se veja refletido o receio pessoal de Lima Barreto de não conseguir prover para uma eventual família em Vicente Mascarenhas, personagem principal de *O cemitério dos Vivos*, que desenvolve problemas alcoólicos por não conseguir sustentar a esposa e o filho, sendo internado em um manicômio.<sup>110</sup>

<sup>106</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 251 e 252.

<sup>107</sup> SCHWARCZ, 2017, p. 255.

<sup>108</sup> BOSI, 1994, p. 322.

<sup>109</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 322.

<sup>110</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 51.

Oportunamente, constata-se nessa obra outro elemento do romance dostoievskiano, qual seja o desejo de se redimir através do sofrimento, como se evidencia no seguinte trecho:

Eu me tinha esquecido de mim mesmo, tinha adquirido um grande desprezo pela opinião pública, que vê de soslaio, que vê como um criminoso um sujeito que passa pelo hospício, eu não tinha mais ambições, nem esperanças de riqueza ou de posição: o meu pensamento era para a Humanidade toda, para a miséria, para o sofrimento, para os que sofrem, para os que todos amaldiçoam. Eu sofria honestamente por um sofrimento que ninguém podia adivinhar; eu tinha sido humilhado, e estava, a bem dizer, ainda sendo, eu andei sujo e imundo, mas eu sentia que interiormente eu resplandecia de bondade, de sonho de atingir a verdade, de amor pelos outros, de arrependimento dos meus erros e um desejo imenso de contribuir para que os outros fossem mais felizes do que eu, e procurava e sondava os mistérios de nossa natureza moral, uma vontade de descobrir nos nossos defeitos o seu núcleo primitivo de amor e bondade.

“Com *Os Bruzundangas* Lima Barreto fez obra satírica por excelência.”<sup>111</sup>. No romance em análise, Bruzundanga é um país fictício onde há várias problemáticas socioeconômicas e culturais. Embora o cenário seja de desigualdade, os abastados possuem títulos acadêmicos e são tidos como eruditos. O enredo envolve um visitante estrangeiro que empreende a descrição de Bruzundanga, a qual é uma sátira ao próprio Brasil da Primeira República.<sup>112</sup>

Lima Barreto ironiza diversos aspectos da sua sociedade. Superficialmente, é encontrada uma crítica à literatura cosmopolita da *belle époque* com uma representação caricata de personagens simbolistas. De modo mais aprofundado, Barreto escancara como a exportação de um só produto fragiliza a economia de um país, em uma clara referência aos privilégios dos cafeicultores brasileiros. Além disso, o autor retrata o fetichismo em torno dos títulos acadêmicos, o que produz uma série de intelectuais vaidosos, que tentavam manter o prestígio da classe a partir de erudições exageradas.<sup>113</sup>

Com uma literatura altamente impactada pela sua história de vida, Lima Barreto se dedicou à luta pela igualdade social, não se abstendo de criticar a ordem republicana vigente, cuja conformação elitista e burocrática tinha o mero viés de perpetuação do poder das classes dominantes:

O temário de sua obra inclui: movimentos históricos, relações sociais e raciais, transformações sociais, políticas, econômicas e culturais; ideais sociais, políticos e econômicos; crítica social, moral e cultura; discussões filosóficas e científicas, referências ao presente imediato, recente e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano e

<sup>111</sup> BOSI, 1994, p. 323.

<sup>112</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 367.

<sup>113</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 324.

suburbano, à política nacional e internacional, à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas. [...] Tudo concorre para compor um imenso mosaico, rude e turbulento, que despoja a *Belle Époque* de seus atavios de opulência e frivolidade.<sup>114</sup>

Experiente na escrita de crônicas, Lima Barreto retratava as mazelas causadas pela desigualdade e pelo preconceito, ao mesmo tempo em que manifestava seu amor por um projeto de país universalmente solidário. Assim, rejeitava o interesse nas modas europeias, pois sua atenção era voltada à estrutura social e à melhoria de vida das classes marginalizadas.

---

<sup>114</sup> SEVCENKO, 1995, p. 162.

## CONCLUSÃO

Lima Barreto deixou uma herança bibliográfica que ecoa através do tempo. A sua voz crítica merece especial destaque por ter se levantado em um período onde a moda era a arte cosmopolita.

Considerando que ainda se vivencia muita desigualdade socioeconômica no Brasil, é importante resgatar um autor corajoso, que se engajou contra a manutenção de privilégios fundamentada na ideia de que a exclusão social seria o impulso para o progresso.

Por isso, fez-se um recorte histórico da transição entre Império e República, a fim de demonstrar a troca de posições no domínio político e como isso intensificou a opressão de determinadas minorias.

Assim, este trabalho se apoiou na literatura de Lima Barreto e na análise contrastiva em relação à escrita literária dominante na Primeira República. Nessa pesquisa, chegou-se a um panorama da obra barretiana, onde foram estudadas as nuances dos personagens e dos enredos, bem como se contextualizou a presença de elementos autobiográficos dentro dos seus textos.

Portanto, ler e analisar a obra de Lima Barreto é, ao mesmo tempo, estudar a história do próprio Brasil e como se deu a estratificação social no pós-República. O autor representa a irresignação com o pensamento cosmopolita, ao passo em que choca e traz à tona uma realidade de exclusão e de desigualdade, tudo isso temperado por uma ironia crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. **Contos completos**. SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Clara dos Anjos** (1915). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Diário do hospício e O cemitério dos vivos**. MASSI, Augusto; MOURA, Murilo Marcondes de (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Numa e a ninfa** (1915). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **Recordações do escrivão Isaías Caminha** (1909). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Triste fim de Policarpo Quaresma** (1915). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOTELHO, Denilson. Sobre os meios e modos de fazer jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção. *ANTÍTESES*, v. 6, n. 11, p.32-52, janeiro-junho, 2013. ISSN 1984-3356. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193327933004>.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000

CEIA, Carlos; *Nacionalismo Literário, E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt>. Acesso em 01/10/2018.

NASCIMENTO, Luciana. CARTOGRAFIAS URBANAS: LITERATURA E EXPERIÊNCIA URBANA NA *BELLE ÉPOQUE* CARIOCA. *RECORTE – revista eletrônica*, v. 12, n. 1, p. 1-16, janeiro-junho, 2015. ISSN 1807-8591. Disponível em [http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf\\_57](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086/pdf_57). Acesso em 26 out. 2018.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

ORNELLAS, Clara Ávila. “Lima Barreto, cronista do protesto eterno”. *Revista USP*, São Paulo, n. 69, pp. 198-205, março/maio 2006.

SCHERER, Marta E. G. “REPÚBLICA DOS ESCRITORES: O discurso dos intelectuais e a literatura destoante de Lima Barreto”. Anais [recurso eletrônico] / *Seminário Internacional de História da Literatura*. Faculdade de Letras da PUCRS – evento realizado de 04 a 06 de outubro de 2011. Dados eletrônicos: Porto Alegre: PUCRS, 2012, ISBN: 978-85-397-0198-8. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/76.pdf>. Acesso em 26 out. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: triste visionário**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.